

Quando o atendimento inclusivo na educação superior é adequado: relato de experiência autoral de uma aluna autista

Stephanie Bussi Barbieri SALVIOLI

Luciana Jesus de SOUZA

Resumo.

Considerando as dificuldades de permanência e conclusão de curso enfrentadas por pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na graduação, e tendo em vista a escassez de relatos autorais que exemplifiquem as manifestações desse espectro no ensino superior, este trabalho propõe, por meio da **metodologia** de um relato de experiência autobiográfico, compartilhar a vivência de uma estudante de graduação a distância diagnosticada com TEA e altas habilidades ao longo de sua formação. Foram apresentadas algumas das dificuldades enfrentadas previamente e as medidas facilitadoras implementadas pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão do CECIERJ/CEDERJ e demais profissionais, que possibilitaram o desenvolvimento das potencialidades da discente e a conclusão de seu curso. No estudo foi proposta como **fundamentação teórica** uma análise crítica sobre as condições necessárias ao êxito acadêmico de alunos autistas, amparada, dentre outros autores, em Santos et al. (2024); Silva e Redig (2021); Redig e Dutra (2018); Camaliente, Kondo e Rocha (2021) e Olivati e Leite (2019). O **objetivo** geral consistiu em verificar de que modo o diagnóstico, ainda que tardio, associado ao acompanhamento multiprofissional e medidas de inclusão adequadas individualmente ao aluno puderam impactar a produção acadêmica do discente. No que se refere aos **objetivos específicos**, o relato buscou evidenciar a importância do diagnóstico e do acompanhamento multiprofissional; explicitar a relevância do acolhimento institucional e da oferta de suportes de qualidade pautados na escuta ativa do aluno autista; e, por fim, contribuir para a representatividade autista na universidade, oferecendo aos pesquisadores da área subsídios por meio de relatos em primeira pessoa. Observou-se o **resultado** de que a produção acadêmica se relacionou com o diagnóstico, atendimento de saúde mental especializado e atendimento educacional adequado às necessidades do aluno. E **conclui-se** a necessidade de publicação de mais relatos de experiência autorais de pessoas autistas para análise dos dados de forma mais generalizada.

Palavras-chave: TEA. Práticas Inclusivas. Adaptações Curriculares. Acessibilidade no Ensino Superior. Suporte Institucional.

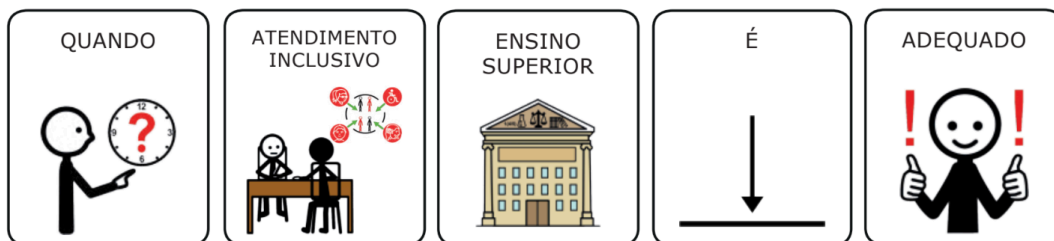
Resumo em Libras

(clique na janela abaixo para acessar o vídeo completo):



Resumo em CAA - Comunicação Aumentativa e Alternativa

(clique na imagem abaixo para acessar o arquivo completo):



Quando o atendimento inclusivo na Educação Superior é adequado:



relato de experiência autoral de uma aluna autista

1. Introdução

As dificuldades da pessoa que se enquadra dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem atingir funções cognitivas e executivas dentro de uma vasta gama de possibilidades e combinações (*World Health Organization, 2021*). Por conta disso e outros impedimentos persistentes sociais e/ou de comunicação, sua permanência e conclusão da graduação seguem sendo desafios que, por vezes, não damos conta de superar enquanto sociedade. Adicionam-se a essa dificuldade os diagnósticos feitos tardiamente, que aumentam as chances de comorbidades, como distúrbios de ansiedade e depressão (*Santos et al., 2024*), bem como comprometem seu desenvolvimento emocional e social (*Duarte, Ribeiro, Nazaré, 2024*).

Estudos precedentes sobre a permanência desses alunos na graduação são relevantes e muitas vezes, pioneiros, ao procurar compreender e propor medidas para a assistência adequada ao aluno autista no Brasil (*Silva, Redig, 2021; Redig, Dutra, 2018; Camaliente, Kondo, Rocha, 2021; Olivati, Leite, 2019*). Ainda assim, é um campo que se beneficiaria da realização de mais pesquisas, em especial, a escolha do lugar de autoria e decisão desses discentes, como ilustrado através do lema “Nada sobre nós, sem nós”, utilizado na luta pelos direitos da pessoa com deficiência no Brasil e no mundo.

É a partir dessa perspectiva que este relato de experiência se constrói: minha vivência é apresentada em primeira pessoa, uma vez que a condição de ser autista é indissociável da posição de pesquisadora em um relato autobiográfico. Assim sendo, este estudo tem como objetivo geral demonstrar como a importância da tríade: diagnóstico, práticas de inclusão adequadas ao aluno e atendimento em saúde mental especializado impactam na capacidade de produção acadêmica do discente. Além disso, ressalta-se a relevância de conferir visibilidade às pessoas autistas para além dos estereótipos, somando o meu relato aos já existentes e possibilitando tanto o reconhecimento e fortalecimento de estudantes autistas no ensino superior quanto a ampliação das referências de escritos acadêmicos disponíveis para pesquisadores, contribuindo para um estado da arte mais diverso.

2. Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida e registrada no segundo semestre de 2025, tendo como recorte temporal principal o período correspondente à minha graduação em Licenciatura em Pedagogia, iniciada no primeiro semestre de 2017 e estendida até o presente momento, meados do segundo semestre de 2025, em que sou provável formanda. Também foram utilizados escritos de 2024 elaborados para o memorial do curso com base em diário de

bordo. É relevante sinalizar que a graduação ocorreu na modalidade Educação a Distância (EaD), por meio de parceria entre o CECIERJ/CEDERJ e a UERJ, através do polo Rocinha, Rio de Janeiro, RJ.

A partir desse contexto, a metodologia adotada para essa pesquisa é do tipo relato de experiência, que, de acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021), “no contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida, a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico.” Dessa forma, ao final do relato, serão compartilhadas as reflexões e interpretações críticas.

3. O Relato

Eu frequentei diversas escolas ao longo da vida escolar, incluindo públicas e privadas de diferentes perfis, como tradicionais, pré-militares e de bairro. Desde a infância, não tive problemas relacionados às habilidades cognitivas valorizadas pelo sistema escolar, demonstrando ótimo desempenho acadêmico, senso crítico e capacidade de organização. Mas no 3º ano do Ensino Médio, em meio a curso pré-vestibular pela manhã, trabalho à tarde e ensino básico à noite, veio o esgotamento, a depressão, o abandono escolar e a gravidez não planejada.

Em 2017, após 7 anos entre trabalho, filha e EJA, passei em 6º lugar na graduação em Pedagogia da UERJ pelo CEDERJ. Muito animada, com hiperfoco para os meus novos estudos e sem a dose extra de desafio social que o EaD proporciona, me organizei com primor a esse formato: criei tabelas de acompanhamento de estudos semanais para cada semestre e estava comprometida com a leitura de todo o material indicado. Percebia que o conteúdo era de qualidade e sugava e memorizava tudo o que conseguia. Eu não pulava nem uma linha, sequer. Estava gostando tanto que comecei a cursar Letras Inglês em outra instituição concomitantemente.

Eu pegava 11 matérias por período em cada graduação, as notas eram ótimas, com exceção de uma ou outra que abordava uma temática mais distante da educação e coincidiam em demandar um tipo de conhecimento que eu não tinha, como era o caso das matérias de Gestão. Lembro-me de ter anotado no livro: “Três páginas do material se foram, reli e ainda não faço ideia do que eles (os autores) estão falando”. Além disso, os estágios seguiam todos sendo postergados, pois apresentavam grandes demandas burocráticas e exposição ao conhecido ciclo de: conhecer novas pessoas - tentar causar boa impressão - esgotamento.

Com o quadro de horários cheio, lecionando em 4 escolas, sendo em 2 delas como recém-contratada, a autocobrança de passar uma boa impressão, os *bombardeios* sensoriais e sociais e, além disso, 2 graduações EaD e uma filha. Sobrevivi em 2019 com crises de ansiedade e *meltdowns*¹. Até que a primeira baixa aconteceu e as outras vieram em seguida: a depressão, a pandemia, a segunda gravidez, o puerpério, a rotina impossível, as dificuldades de renda. Nesse momento eu já não conseguia terminar nenhuma matéria, me inscrevia porque queria dar conta, mas eventualmente acabava as abandonando em algum momento do semestre. Pedi demissão de três escolas e a confiança na minha capacidade de perseverar estava muito abalada.

Foi somente em 2024, quase sendo jubilada, que consegui começar a me estruturar, e aos poucos ir puxando algumas matérias e dando conta de terminá-las a contento. Foi nesse ano também que mudei de setor na escola em que trabalhava, que já zelava muito, mas agora, finalmente lecionando na Ed. Infantil, o que eu sempre almejei. E tão grande foi essa realização, quanto foram as crises que a acompanharam. Fiquei mal a ponto de ter certeza de que havia alguma coisa “de errado” comigo e procurei uma avaliação neuropsicológica. O diagnóstico? Autismo e altas habilidades. Talvez, ao se deparar com esse *slogan*, algumas pessoas pensem em gênios, mas no dia a dia, se não ajustado cuidadosamente, soa mais como alta capacidade para procrastinar e incapacidade de fazer coisas básicas.

Com o diagnóstico em mãos e a hipótese da falha nos meus estudos ser decorrentes de uma rotina insalubre para uma pessoa autista, enviei os documentos ao polo em busca de qualquer ajuda que pudessem me dar. Concomitantemente, entrei numa terapia especializada e mantive consultas com a neurologista.

A resposta do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Fundação CECIERJ (NAI) veio em formato de e-mail, que percebi como claro, sério e acolhedor. Garantiram o sigilo necessário do meu laudo e

Para complementar as informações de seus documentos, gostaríamos que você se sentisse à vontade para nos enviar um pequeno relato sobre seu percurso escolar, com foco especial em quaisquer adaptações que professores, diretores e outras pessoas tenham feito para tornar a sua experiência acadêmica mais adequada às suas necessidades. Você pode complementar este relato falando um pouco de suas maiores potencialidades e dificuldades. (atendimento NAI, mensagem eletrônica 20/11/24)

¹ Crise autística por sobrecarga sensorial, emocional ou cognitiva. Ao não conseguir mais dar conta de experimentar tais estímulos, cobranças ou pensamentos, o indivíduo tem um efeito de sobrecarga que pode ter a presença de violência, choro, gritos e/ou outros efeitos físicos, como enrijecimento muscular, respiração hiperventilada, movimentos repetitivos, dentro outros. Este evento é uma resposta neurológica, a pessoa autista não tem controle sobre ele ou de seu corpo quando está em Meltdown. (MYLES, 2024 p. 19 - 42)

Após minha resposta, recebi uma devolutiva com duas sugestões de acomodações:

Pelo seu rico relato, entendemos que o atendimento por um tutor de apoio seria útil para te auxiliar no mapeamento e organização prévia das tarefas, bem como auxílio nos encaminhamentos de documentações e outras atividades. (...) Outro atendimento é o prazo ampliado para realização das ADs (a ser definido pelo Coordenador da disciplina) e das APs (de acordo com a logística do polo). (atendimento NAI, mensagem eletrônica, 11/12/2024)

Durante todo o processo me perguntavam se eu estava de acordo com as medidas sugeridas, inclusive quando uma tutora do polo foi indicada para a minha mediação. Tivemos o primeiro e o segundo semestre de 2025 trabalhando juntas. Nesse período cursei 3 estágios e as 10 matérias faltantes, incluindo os seminários e monografia, que contém alto grau de burocracia. Dessa forma, me encontro hoje como provável formanda.

Além disso, minha tutora de apoio me enviou e incentivou várias oportunidades acadêmicas, como congressos, seminários, cursos de extensão, escritas de artigo e relatos, como este, e mestrado, pois ela sabia o quanto eu desejava a carreira acadêmica. E para conseguir me manter motivada, produtiva e aprendendo, ela me acompanhou pelo processo, semanalmente. Através de chamada de vídeo a tutora de apoio me perguntava dos prazos da documentação de estágio, da entrega das atividades avaliativas, das provas, como eu estava nas matérias e me perguntava se eu precisava de ajuda com algo, além de se disponibilizar por *whatsapp*.

Eu pedia ajuda para o que estivesse mais difícil de produzir naquela semana e frequentemente o assunto da escrita acadêmica surgia. Recebi suporte em relação às regras dessa escrita, visto que minha dificuldade era tão imensa que nem com todo o material do curso lido e cursos extras sobre a temática conseguiram me fazer iniciar esse processo. Minha sensação era de que eram tantas regras e procedimentos que eu nunca conseguiria entender e superar tudo, então eu me sentia impotente, confusa e paralisava.

Foi construindo um passo a passo lento, dando exemplos, e muitas vezes ouvindo o que eu almejava escrever para que, ao a mediadora repetir o que foi dito por mim, eu pudesse ouvi-la e organizar melhor meus pensamentos, para então, escrever. Nos momentos mais críticos, ela precisava fazer isso frase por frase.

Dessa forma, com o passar dos meses, eu fui compreendendo cada vez mais a lógica da pesquisa científica, me apropriando da linguagem e métodos, e hoje, com mais autonomia e ainda com suporte, consigo fazer as escritas que desejo e comunicá-las ao mundo. Concluirei o curso confiante nas minhas potencialidades e certa de que, com estudo, esforço, suporte

adequado e munida das pesquisas dos estudiosos que vieram antes de mim, eu posso colaborar com a educação brasileira e com um conhecimento científico cada vez mais plural.

É importante ressaltar que, após o diagnóstico, eu passei a ser atendida por psicóloga de Terapia Cognitivo-Comportamental com especialização em TEA, frequento consultas regulares à neurologista, assim como passei a fazer atividades físicas e manter uma rotina saudável e mais respeitosa para com os meus limites.

4. Resultados e Discussão

Foram 8 anos cursando uma graduação EAD sem diagnóstico e, por isso, sem suporte adequado. Nesse período, cursei as matérias que me foram possíveis, mas posterguei o que eu sentia que não iria conseguir, por vezes abandonando quando era insustentável. Após o diagnóstico e com o suporte necessário, em 7 meses eu produzi o projeto de monografia, uma sequência didática da minha área de trabalho, este relato de experiência em formato de resumo expandido, dois projetos de pesquisa para mestrado em áreas diferentes (com uma aprovação), outro resumo expandido em coautoria e apresentado no I Seminário NAI, um capítulo de livro sobre autismo e um resumo submetido a um encontro nacional na minha área de atuação.

É importante considerar que minha condição se trata de dupla excepcionalidade: autismo e altas habilidades, e somado a isso, o autismo é um espectro, se apresentando de forma variada nos indivíduos. Ainda assim, Santos et al. (2024) e Castro (2023) corroboram o entendimento de que o diagnóstico de TEA, juntamente com os atendimentos multidisciplinares necessários, aumentam o bem-estar e a integração social dos indivíduos dentro do espectro.

Dessa forma, ao garantir ao estudante a tríade de condições para o desempenho pleno de suas potencialidades: diagnóstico, atendimento de saúde mental especializado e inclusão educacional adequada às suas necessidades, as barreiras se dissipam e podemos ter um aluno comunicando à academia e à sociedade seu ponto de vista e debatendo as questões de seu interesse, o que repercute na capacidade de contribuição para o seu próprio desenvolvimento e de outros autistas, assim como seu ponto de vista singular pode contribuir para novas perspectivas e soluções sociais de forma geral. Dessa forma, cria-se um ciclo virtuoso.

5. Conclusão

É possível concluir que, a partir das informações analisadas desse relato e embasadas em estudos e relatos prévios de outros pesquisadores (Santos, 2024; Williams, 2012; Castro, 2023), minha produção acadêmica estava diretamente ligada à tríade: diagnóstico, atendimento de saúde mental especializado e atendimento educacional adequado às necessidades do aluno. Sendo tais medidas determinantes para o desenvolvimento das minhas potencialidades e sucesso acadêmico.

Certa de que este é um único relato, não tendo ele, sozinho, capacidade de generalização, sugere-se o desenvolvimento de pesquisas com maior quantitativo para, assim, ter autoridade para influenciar políticas públicas.

Por fim, em vista dos poucos relatos autorais de autistas na universidade, entendo a necessidade de mais incentivo a essas produções. Da mesma forma, é indicada a produção de maior número de pesquisas que possam analisar de forma conjunta os dados levantados por esse grupo de alunos, visando cada vez mais representatividade e inclusão no espaço acadêmico.

Agradecimentos

Meus agradecimentos à minha mediadora pela paciência, crença em mim e por sempre me incentivar em direção ao que me move.

Agradeço à tutora coordenadora do curso de Pedagogia do meu polo de referência pela disponibilidade, presença de espírito e humanidade ao longo desses 9 anos.

Meu agradecimento a todos os funcionários do polo CEDERJ Rocinha, e em especial à Rose, pelo carinho, disponibilidade e paciência com minhas perguntas repetitivas e por relevar qualquer situação desajeitada que eu possa ter criado.

Meus agradecimentos às pesquisadoras e pesquisadores que se debruçam há anos sobre inclusão nas escolas e em universidades brasileiras e dedicam suas vidas à luta anticapacitista com a crença de que valem a pena.

Meus agradecimentos à UERJ que me forma uma pessoa cada vez mais crítica, com brilho nos olhos, ciente dos desafios e mais capaz para enfrentá-los.

Agradeço ao Bruno Peixoto, à Luciana Perdigão e ao CEDERJ/CECIERJ pelo planejamento e execução na inclusão de excelente qualidade oferecida aos alunos com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais, pois esse trabalho possibilita que, apesar das dificuldades específicas, todos possam se formar e desenvolver suas potencialidades.

Referências Bibliográficas

CAMALIONTE, D. de O.; KONDO, L.; ROCHA, A. N. D. C. Estudantes do ensino superior com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão integrativa da literatura brasileira. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 34, p. e26/1–24, 2021. DOI: 10.5902/1984686X64322. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/64322>. Acesso em: 18 set. 2025.

CASTRO, Lorena Gomes Freitas de. *Mas você não tem cara de autista: relato autobiográfico, diagnóstico tardio e campo dêitico*. 2023. 197 f. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/21515>. Acesso em 18 de set. 2025.

DUARTE, L. M.; RIBEIRO, V. E. de L.; NAZARÉ, W. O. A INFLUÊNCIA DO DIAGNÓSTICO TARDIO NO DESENVOLVIMENTO EM ADULTOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 4, n. 11, p. e6555, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N11-069. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/6555>. Acesso em: 18 set. 2025.

MYLES, Brenda Smith. **Autism and Difficult Moments: Practical Solutions for Reducing Meltdowns**. 25th Anniversary Ed. Future Horizons, 2024. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=UzU0EQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR>. Acesso em 16 jul. 2025.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 18 set. 2025.

NAI, atendimento do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Fundação CECIERJ. **Boas vindas ao NAI - 2025/1**. Destinatário: BUSSI, Stephanie. Rio de Janeiro, 28 de nov. 2024. 1 mensagem eletrônica.

NAI, atendimento do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Fundação CECIERJ. **RE: Boas vindas ao NAI - 2025/1**. Destinatário: BUSSI, Stephanie. Rio de Janeiro, 11 de dez. 2024. 1 mensagem eletrônica.

OLIVATI, A. G.; LEITE, L. P. Experiências Acadêmicas de Estudantes Universitários com Transtornos do Espectro Autista: uma Análise Interpretativa dos Relatos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. 4, p. 729–746, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-65382519000400012>. Acesso em: 18 set. 2025.

REDIG, A. G.; DUTRA, F. B. da S. A inclusão de alunos com deficiência no curso de Pedagogia oferecido pelo consórcio CEDERJ/UERJ. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 18, n. 205, p. 52-61, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/43296>. Acesso em 18 set. 2025.

SANTOS, João Marcos Oliveira dos. Desafios de um Discente do Curso de Medicina Portador do Transtorno do Espectro Autista no Primeiro Ano: Relato de Experiência. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. e555315, 2024. DOI: 10.47820/recima21.v5i5.5315. Disponível em: <https://recima21.com.br/recima21/article/view/5315>. Acesso em: 18 set. 2025.

SANTOS, L. H et al. O impacto do diagnóstico tardio de TEA em adultos: Desafios clínicos e Implicações para o tratamento. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 6, n. 9, p. 3260–3269, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n9p3260-3269. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/3622>. Acesso em: 18 set. 2025.

SILVA, I.F. da; REDIG, A.G. Vivência Universitária de Alunos com Deficiência Intelectual e/ou Autismo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. **Educação, Sociedade & Culturas**, (58), pp. 97–115, 2021. doi:10.24840/esc.vi58.143. Disponível em: <https://ojs.up.pt/index.php/esc-ciie/article/view/143>. Acesso em: 18 set 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. ICD-11 for mortality and morbidity statistics. Geneva: WHO, 2022. Disponível em <https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http%3a%2f%2fid.who.int%2fcd%2fentity%2f437815624>. Acesso em 9 jul. 2025.

WILLIAMS, Donna. **Meu mundo misterioso**: testemunho excepcional de uma jovem autista. Tradução Terezinha Braga Santos. Brasília: Thesaurus, 2012.